

AS LAVADEIRAS DE SÃO DESIDÉRIO: VIVÊNCIAS E MEMÓRIAS¹

Anne Caroline Martins Maciel - UnB/DF

Iara Emanuelle de Souza Santos - UnB/DF

Mylena Karine dos Santos Malheiros - UnB/DF

São Desidério, oeste da Bahia, naquela região habitada por poucos e conhecida por menos ainda, o local é cortado pelo rio de mesmo nome e localizado no meio do rio, ao lado da praça principal e próximo a Igreja Matriz foi construído na década de 1960 a barragem de São Desidério e anos mais tarde na década de 1980 é construída a Lavanderia Municipal – na beira do rio – com esses emblemáticos objetos começamos uma tentativa de rememoração do círculo de mulheres que trabalhavam lavando roupas nas margens do rio.

Em um espaço rodeado de mulheres que muitas compõem a mesma família, a lavanderia se tornou além de um local de trabalho, mas um espaço de trocas e convivência. Para entender as figuras centrais dessa realidade, após a colheita de relatos – que infelizmente são poucos – começamos a mapear o que seria ser uma lavadeira para essas mulheres, entender suas motivações e como suas relações interpessoais moldavam ao redor que viviam.

Como a estrutura dos serviços eram organizadas entre a família, mas também existiam pessoas fora da família, porém eram de menor número, apenas mulheres exerciam essa profissão, sendo essas em maioria mães solas e negras, suas motivações partiam do princípio de sustentar suas famílias, mas as lavagens de roupas não eram suficientes para sustentá-los, buscando também trabalhos por fora, para complementar a renda. A princípio vemos um tipo de organização familiar em que a autoridade geral é exercida pela figura materna, trazendo a figura paterna em segundo plano ou até mesmo ausente, um tipo de organização que chamamos de matrifocalidade².

Palavras chave: lavadeiras; memória; patrimônio.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 23 de julho a 26 de julho de 2024.

² A matrifocalidade, é um conceito de organização social, onde quem exerce uma certa autoridade é a figura materna, essa figura de estabilidade, onde ao seu redor funciona os outros membros da família e como a figura paterna é ausente nesse conceito, as decisões familiares se dão apenas pela figura da mulher. Como o caso das lavadeiras, não havia homens que trabalhavam junto com elas, as decisões e escolhas eram inteiramente delas e os seus trabalhos são desenvolvidos entre e exclusivamente as mulheres da família.

Lavadeiras

O círculo de lavadeiras é um espaço em que tem a prevalência do senso de comunidade, as mulheres que não têm apoio de ninguém, se unem e nesse grupo suas principais fontes são as de repartir suas comidas, seus saberes, suas ferramentas de trabalho como o sabão, suas conversas na beira do rio em que é construída uma relação de respeito. Por uma época extremamente árdua, muitas recordam esse tempo como um momento bom de suas vidas outras não, o que nos importa aqui é visualizar essas mulheres e como esse ambiente se tornou delas.

Na beira do rio de São Desidério, aquele em que cortava a cidade e cursava em rumo a desaguar no rio grande, o dia para essas mulheres começavam às 6 horas da manhã, acordavam, se arrumavam e pegando o necessário para seu dia de trabalho. A primeira que saía de casa ia descendo a ladeira e buscando suas companheiras, como eram da mesma família e uma cidade extremamente pequena, se encontravam descendo juntas a ladeira e assim seguindo para o rio.

A primeira lavadeira diante os relatos que buscamos foi Nita, começando os trabalhos como lavadeira, sua principal motivação era sustentar seus filhos, por ser mãe solo Nita trabalhava com outras profissões, além de ser realmente lavadeira. A segunda lavadeira em que os relatos eram constantes – todas as citaram – foi Marileide, diferente da sua mãe Nita, Marileide trabalhava apenas como lavadeira e é uma das mais relatadas entre as outras lavadeiras, ela foi descrita como briguenta (brigava pelas pedras onde tinha costume de lavar roupa), caridosa (era uma figura constante em auxiliar, além de compartilhar sua comida com todas as lavadeiras, principalmente da sua família).

Dentro dos relatos, temos uma mensuração de como aquele espaço não tinha infraestrutura para abrigá-las, e como eram apenas as lavadeiras que frequentavam esse espaço se torna comum trocas de comida, sabão, empréstimos de bacias, o senso de comunidade entre elas começa a desenvolver ainda mais, sendo mulheres da mesma família e previamente conhecidas, suas relações se estreitam diante um grande local de trabalho e como antes dito, a lavadeira que levava ainda mais o senso de comunidade era a Marileide sendo uma figura central e emblemática, ela sempre estava disposta a ajudar e ensinar as mais próximas a ela e que assim pudessem ser ainda mais eficiente, além de compartilhar a comida que trazia de casa com as presentes.

Com o passar dos anos, ainda mais lavadeiras integrava o círculo de lavadeiras, antes sendo apenas três da família, os anos foram passando e suas filhas foram sendo

inseridas para trabalhar com suas mães, tias e avó. Enquanto para as mães dessas meninas seus princípios em contribuir na lavagem eram os de sustento e sobrevivência da família, para essas meninas eram os de ajudar suas mães, a maioria das lavadeiras mais velhas prezavam enormemente o estudo, e suas filhas buscaram por meio do estudo a ascensão social, seja para se manter, ou serem alfabetizadas, os motivos eram cabíveis a realidade em que viviam. As filhas dessas mulheres foram as últimas lavadeiras da cidade, até onde sabemos a última parou realmente de lavar roupas na barragem no ano de 2014, o resto das lavadeiras foram aposentando e parando gradativamente quando suas filhas foram se formando. O que deixa viva a memória de ser uma lavadeira, são por meio da oralidade, as histórias contadas na beira do rio e que hoje são passadas de avós para netas.

Como sabemos das histórias que foram relatadas, nos surge a indagação sobre a ‘Lavanderia Cultural’, o local que elas trabalhavam, mas que foi transformado em uma espécie de patrimônio à beira do rio, sua finalidade seria lembrar as mulheres que lavavam roupas ou repaginar aquele local cobrindo a lavanderia com uma parede de tijolos, colocando fotos – onde nenhuma consta nenhuma lavadeira – e esquecer? Tendo em mente que o espaço, diante o patrimônio, são as formas de vida cotidiana da cidade, o lugar que foi repaginado não retrata bem as memórias daquele local, tendo em vista que não existem menções a essas mulheres, (...) “uma história/memória de um espaço, por sua genealogia e o resultado da história das relações desse espaço com a sociedade.” (MONASTIRSKY, 2009, p. 324), o que nos surge de interesse são os dados coletados e a relação com o patrimônio da Lavanderia Cultural, enquanto sabemos que a memória é o ato de lembrar e esquecer, o que esse patrimônio teria a incluir, possivelmente a organização do espaço da cidade e as formas de vida cotidianas da cidade de São Desidério e a memória que a cidade tem desse local que foi repaginado como uma forma de desvincular um local de trabalho atrelado a situações difíceis, mas para um local que todos usassem como meios de promover a cultura da cidade, que também não é tão latente.

Entretanto de forma contrária, o que deveria ser lembrado se torna esquecido de certa maneira, são inúmeras questões que somos confrontados, mas o interesse é o de memória dentro da coletividade. De acordo com Monastirsky (2009) “o reconhecimento do patrimônio cultural se estabelece pela identificação dos seus significados”, enquanto notamos que as memórias de ser uma lavadeira é passada de mãe para filha, as memórias e a importância se costuram dentro dos espaços de convivência familiar, deixando o patrimônio transformado em um espaço vazio de significados.

Patrimônio

A construção da Lavanderia em São Desidério tem um significado muito importante para entendermos a partir de que momento foi gradativamente fazendo com que as mulheres deixassem de fazer das lavagens de roupas sua profissão.

O objetivo da construção da lavanderia, a princípio, era fazer com que as mulheres tivessem dignidade na hora de lavar as roupas e ter condições mais adequadas para realizar o trabalho, onde antes era feito as margens do rio, embaixo de sol, com várias mulheres disputando espaço para escolher as melhores pedras e com a lavanderia teriam um espaço com várias pias e tanques de pedra em que pudessem bater as roupas. Mas, infelizmente com o tempo foi se mostrando um lugar muito inadequado para realizar as lavagens.

Diante muitos relatos, as mulheres indicam que em época de chuva era impossível acessar a lavanderia pois o rio subia e muitas vezes com a água adentrando o espaço elas tinham de subir em cima das mesas com medo de levar um choque. Aos poucos, ainda mais com o escoamento do esgoto para o rio e a inutilização do mesmo, foi se tornando cada vez mais difícil ver as pessoas da cidade utilizarem o rio, principalmente as lavadeiras e só restava a lavanderia, mas com a precariedade também foi ficando difícil a ação.

Pouco a pouco o espaço foi deixando de ser utilizado e um tempo depois, início dos anos 2000's mais ou menos, o espaço se tornou uma 'Lavanderia Cultural', se transformou em um espaço onde teoricamente serviria como uma memória viva para prestigiar aquelas que antes habitavam o local para realizar seus trabalhos, mas ao chegar na lavanderia, além de reparar no mal cuidado com espaço, encontramos a lavanderia fechada, sem que se possa ter acesso por dentro e ver quais instrumentos e de que formas eram feitas as lavagens. Há na entrada um grande cartaz com algumas imagens de eventos culturais da cidade, mas não tem nenhum registro das mulheres que antes o ocupavam.



1.Lavanderia Cultural de São Desidério, foto tirada em 8 de fevereiro de 2024.

Dado esse apagamento desse patrimônio e o descaso com as percussoras da profissão na cidade, percebe-se, que há uma forma de transformação para a construção do ideal histórico da cidade. Não tem como dizer que é um projeto político ou que foi algo intencional esse apagamento, mas o que é perceptível é o quão foi sendo desconsiderado ao longo do tempo até para as próprias lavadeiras. Das que ainda se encontram na cidade, poucas delas se recordam ou tem memórias afetivas da lavanderia, como se de fato fosse uma ação que conjuntamente fez com que o esquecimento e talvez um pouco de rancor por perderem uma tradição, acabasse se deteriorando diante seus olhos.

A preservação do espaço manteria a memória viva, tanto para meios culturais quanto sobre a história da cidade. Isso faria com que as pessoas jamais esquecessem e pudessem, sempre que quisessem, ir até o local e recordar dos velhos tempos e das histórias de suas avós, tias, mães ou irmãs.

Para entender melhor sobre a importância do patrimônio que aqui nos referimos a lavanderia, buscamos por entender melhor a concepção sobre o que seria de fato patrimônio cultural ou como melhor essa definição se encaixaria aqui. Hélder Pires Amâncio em seu escrito sobre antropologia e patrimônio cultural, vai falar que é preciso primeiro se questionar o que se entende como patrimônio, que ele vai trazer o questionamento de “patrimônio para quem e para quê?” (AMÂNCIO, 2014, p.23). Ele afirma que estudar sobre o patrimônio está além de estudar o cotidiano das pessoas, como também entender suas práticas diárias que perduram na formulação de políticas públicas de patrimônio.

Em uma perspectiva antropológica, Amâncio vai trazer que o patrimônio cultural é um fenômeno social, que condiciona pensarmos na questão da ação da sociedade mediante o compromisso com o patrimônio, para além das esferas públicas.

Na compreensão da origem do termo, Amâncio traz a concepção de Choay como um conceito nômade, o que dá a pensar como um conceito um tanto quanto antigo, que estava ligado na origem das “estruturas familiares, econômicas e jurídicas de sociedades estáveis, que foram enraizadas no espaço e tempo” (CHOAY, 2001:11).

Complementando esse pensamento, Lima Filho traz o deslocamento da ideia do patrimônio como propriedade e posse, “estava traçado o caminho de sentidos de preservação dos patrimônios mundiais como metonímias de coletividades, memórias nacionais e portanto, também de caráter universal” (2006:18). Aprofundando mais um pouco, outro autor que vai trazer isso, será José Reginaldo Santos Gonçalves, que diz haver uma certa confusão entre patrimônio e propriedade, sendo a primeira adquirida e a segunda herdada. Por tanto, podemos distinguir agora essa primeira percepção quando falamos de patrimônio e sugestivamente podemos pensar em posse, o que sociologicamente pode ser mais viável de se pensar, mas não seria exatamente o que pretendemos tratar sobre o patrimônio e sua importância.

Agora compreendendo que o patrimônio pode não estar diretamente correlacionado a propriedade e posteriormente ao material, necessariamente, podemos constatar um pouco essa noção de passado que tem ao pensarmos o termo e pode estar vinculada com memórias que vão corresponder a acontecimentos e não necessariamente a um bem mutável, estamos aqui nos referindo a uma relação com o imaterial e o imutável, por isso, tratando-se da lavanderia de São Desidério, acreditamos não estar vinculada a perda ou abandono em si do espaço físico, mas sim das vivências e memória das lavadeiras que foram deixadas de lado ou não tiveram nenhum pinga de relevância na hora de construir a lavanderia e posteriormente, fechá-la sem o mínimo de reconhecimento aquelas que antes habitaram aquele espaço e de certo modo, ajudaram a construir a história da cidade. Lima Filho (2006) diz que a posse do patrimônio passe de um caráter individual para um caráter coletivo de memória nacional, onde a identidade do indivíduo associa-se à identidade da coletividade, mesmo que exista uma certa ambiguidade nessa relação. Seguindo esse pensamento, é possível dizer que se o patrimônio da lavanderia tivesse acontecido de forma mais presente na vida da população de São Desidério poderíamos ter visto mais a fundo esse caráter de memória coletiva que aponta Lima, mas não querendo impor aqui que só exista um caráter individual, longe

disso, mas o peso da história das lavadeiras poderia ter tomado um rumo muito mais crucial e importante para a cidade se tal patrimônio tivesse tido relevância partindo do próprio município que acabou por não retratar a história das lavadeiras e apenas quis intitular o espaço como lavanderia cultural, sem ao menos ter alguma menção a essa lavanderia de fato ou aos corpos que habitavam esse espaço.

Seguindo essa concepção antropológica sobre o patrimônio cultural ser um fenômeno social, não obstante, Antonio A. Arantes aborda que “a preservação é definida pela Constituição Federal com responsabilidade da União, Estados e Municípios e consecutivamente compartilhada com a sociedade civil, sendo desenvolvidas entre agências governamentais e segmentos específicos e especializados da sociedade” (ARANTES, 2006, p.426). Mais a diante, Arantes continua, “inúmeros problemas enfrentados no dia-a-dia da preservação dizem respeito ao fato de os bens preservados tangíveis ou intangíveis – serem interpretados e utilizados pela população de forma nem sempre compatível com as restrições legais decorrentes do reconhecimento do seu interesse e sentido para coletividades nacionais ou regionais. A concepção do patrimônio como recurso (prático e simbólico) é tão problemático para os órgãos de preservação quanto difundida nas diversas camadas sociais” (ARANTES, 2006, p. 429).

Por tanto, entende-se que mesmo sendo um problema de responsabilidade do município, a negligência do espaço e da conservação desse patrimônio imaterial para essas mulheres acabam por refletir na cidade e compreendemos melhor o porquê elas não são referenciadas na cidade e nem ao menos tem dimensão do papel importante que tiveram para a evolução da cidade. É evidente que esse “apagamento histórico” reflete muito quando ouvimos essas mulheres falarem dos tempos das lavagens de roupas, elas reconhecem as dificuldades que enfrentaram mas acima de tudo, lembram de um tempo em que viviam suas vidas buscando complementar suas rendas e sobreviver, mas ao mesmo tempo tinham umas com as outras um lugar e um espaço de sociabilidade e convivência para além de seus afazeres, que mesmo com alguns conflitos de convivência, aproveitavam a companhia de seus filhos e amigas para partilhar da experiência difícil que era ser lavadeira em São Desidério.

Tradições

A lavagem de roupa no rio é uma das maiores tradições da cidade, como falado pelas mulheres mais velhas, ir para o rio não era apenas para lavar as roupas, mas também como um momento de troca era no rio que acontecia as trocas de saberes sobre diversos

assuntos seja ele sobre a vida, como lavar certos tipos de tecidos, as brigas nas pedras e a troca de alimentos que elas faziam entre si, o rio foi um marco na construção da cidade, mas também na vida de grande parte das mulheres.

Algumas das tradições: a semana santa, quando depois de se reunir para preparar a comida elas iam lavar os pratos no rio e com os restos de comida ali naqueles pratos elas alimentavam os peixes do rio e logo mais tarde jogavam peteca

Narrativa cultural: refere-se às histórias compartilhadas por um grupo ou comunidade, essas narrativas se perpetuam através de tradições, mitos, rituais e outras formas de expressão cultural, essa narrativa molda a identidade coletiva do grupo, que fornece um senso de pertencimento e continuidade histórica.

As narrativas pessoais moldam como lembramos dos eventos – atribuindo significados a eles. As memórias coletivas desempenham um papel fundamental na formação e manutenção da memória da cidade.

Vincent de Gaulejac, em sua obra "Origens da Vergonha: Uma História da Humilhação Pública", o Autor vai explorar como a vergonha está intrinsecamente ligada às tradições e culturas locais, incluindo as tradições de uma cidade. Existe algumas maneiras pelas quais a vergonha pode estar conectada às tradições de uma cidade, usarei duas normas, a primeira, **normas culturais locais**: cada cidade tem suas próprias normas culturais e sociais que definem o comportamento aceitável e inaceitável. Gaulejac provavelmente explora como as tradições locais moldam as expectativas em relação ao comportamento e como a transgressão dessas normas pode levar à vergonha, por exemplo, o Rio São Desiderio deixando de ser o lugar de lavagem de roupa e até mesmo como fonte de renda e alimentação dessa cidade passa a ser “um rio de rejeitos da cidade”. Nesse caso, a norma cultural estabelecida seria a valorização e o respeito pelo rio como uma fonte de recursos essenciais para a comunidade, como água limpa para lavar roupa e fonte de alimentos.

Segunda, **identidade coletiva e vergonha associada**: as tradições de uma cidade contribuem para a formação da identidade coletiva dos seus habitantes.

O rio seria o local de trabalho e de trocas, as distribuições dos saberes entram muito dentro do que é a pesquisa, as lavadeiras são mulheres que trabalham que por algum fator começou a lavagem de roupa como fonte de renda dentre as mulheres com maior protagonismo, está a Marileide, que possui um protagonismo dentro da vida das mulheres e na lavagem de roupa, em todo os relatos as mulheres mais velhas recordam a importância Marileide em sua vida, seja pela transição dos saberes como começar lavar

as roupas, como conseguir os clientes e assim por diante. A Marileide se torna a protagonista pois todas as mulheres em seus relatos trazem ela como uma pessoa importante para ciclo de lavagem de roupa e pelas histórias que aconteciam no rio são Desiderio³, uma frase marcante que algumas mulheres dizem em seus relatos é que “as lavagens de roupas respeitavam o fluxo do rio”.

A um respeito altíssimo em memória do rio, o tempo de lavagem de roupa e as tradições que eram mais vivas naquele período em que as lavagens de roupa eram mais ativas, é um tempo narrado por elas como um tempo bom, mesmo com as dificuldades foi para elas um momento importante para elas, pois conseguiram criar os seus filhos e manter as famílias com esse trabalho, quando elas contam as histórias, fazendo esse resgate da lembrança, fica visível um certo saudosismo desse tempo.

As mudanças que ocorreram no rio para elas é um fator, as mudanças acontecem ao longo do tempo, os trabalhos mudam a cidade começa a se desenvolver economicamente, a chegada da água essas mudanças que acarretaram ao longo do tempo gradualmente fizeram com que as lavagens do rio fossem se transformando em um trabalho obsoleto, pois as famílias que essas mulheres realizavam essas lavagens de roupa, que contratavam os seus serviços já não precisavam mais por que havia agora essa função dentro de casa, com as máquinas de lavar, essas trabalho antes feito no rio que era “setorizado” por outras, agora se tornou um trabalho doméstico.

Em finalização, as investigações que fizemos diante os registros que tivemos acessos, nos traz a discussão de patrimônios e a invisibilização dessas mulheres, por mais que trabalhamos em um local pequeno, as reflexões que trabalhamos são as de um apagamento histórico, onde apenas aquelas poucas mulheres permanecem com a memória dos tempos que estavam presentes trabalhando. A ideia de patrimônio que remetemos é a de inclusão de hábitos, usos, tradições da vida corriqueira da sociedade, principalmente de uma cidade interiorana. A finalidade por fim seria de expor ainda esse lugar de exclusão e transformação de lugares para os quais não são condizentes com a realidade de certas localidades, nosso trabalho recorre a teoria da memória e a ideia de patrimônio cultural e histórico, para interligar com a realidade aqui pesquisada.

³ Como a história da pedra, cada mulher tinha a sua pedra para lavar as roupas e a da Marileide era a maior, as mulheres relatam que essa pedra maior era dela que ela havia escolhido essa pedra e tinha colocado em um lugar estratégico e por ser a pedra maior fomentavam brigas e discussões entre as mulheres.

REFERÊNCIAS

- AMÂNCIO, Hélder Pires. ANTROPOLOGIA E PATRIMÔNIO CULTURAL.
- ARANTES, Antonio A. O patrimônio cultural e seus usos: a dimensão urbana. **Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, v. 4, n. 1, p. 425-435, 2006.
- ARRUDA, Danielle Aparecida. MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E ORALIDADE. In: EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E SOCIEDADE EM PESQUISA. Editora Científica Digital, 2023. p. 122-132.
- CHOAY, Françoise (2001). *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade, UNESP. p.11-28.
- GAULEJAC, V. de. “Os patamares da vergonha”. As origens da vergonha. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 2006.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes antropológicos**, v. 11, p. 15-36, 2005.
- DE MATRIFOCALIDADE, REPENSANDO O. CONCEITO. George de Cerqueira Leite Zarur.
- LIMA FILHO, Manuel Ferreira e ABREU, Regina (2007). Antropologia e Patrimônio Cultural no Brasil. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; ERKERT, Cornelia e BELTRÃO, Jane Filipe (Org). Antropologia e Patrimônio Cultural: Diálogos e Desafios contemporâneos. Blumenau: Nova Letra.
- LIMA FILHO, Manuel (2006). Cidades Patrimoniais e Identidades Nacionais: questões antropológicas na perspectiva comparativa entre o Brasil e os Estados Unidos. In: LIMA FILHO, Manuel e BEZERRA, Márcia. *Os caminhos do patrimônio no Brasil*. Goiânia: Alternativa.
- MONASTIRSKY, L. B. Espaço urbano: memória social e patrimônio cultural - DOI: <http://dx.doi.org/10.5212/TerraPlural.v.3i2.323334>. Terra Plural, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 323–334, 2010
- NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.